

MARCHA MUNDIAL DA MULHER

Activistas reafirmam reforço da solidariedade

O REFORÇO da solidariedade entre as militantes pelos direitos da mulher é apontada como um dos caminhos para a superação dos males sociais como a pobreza, desigualdades e violência a que o género feminino é mais vulnerável.

Este posicionamento é defendido por Maria Paula Vera Cruz, presidente do Fórum Mulher, organização que coordenou as actividades realizadas no âmbito do X Encontro Internacional da Marcha Mundial da Mulher, entre 10 e 15 de Outubro, em Maputo.

O encontro, que juntou activistas e representantes de organizações feministas de várias partes do mundo, serviu de uma plataforma de diálogo e busca de estratégias de emancipação da

mulher na vertente económica, social e política.

Cruz considera que diante de vários problemas sociais ao nível global, a luta e o engajamento das mulheres por sociedades justas é pertinente.

“Queremos conquistar espaços de decisão e conquistar a autonomia económica. Precisamos de ampliar as nossas vozes e dar a cara nesta marcha, que não só significa irmos à rua, mas usufruir da nossa liberdade”, disse.

A fonte indicou que a igualdade do género também passa pelo empoderamento dos homens para a mudança de atitude, pois estes têm sido os principais agentes da violência contra a mulher.

Na ocasião foram partilhadas

várias experiências de activismo que, de acordo com os organizadores do evento, poderão ser aplicadas na protecção da dignidade das mulheres.

“Moçambique vive num contexto de instabilidade político-militar. Todos os dias são relatados casos de crianças violadas, mulheres espancadas e tudo isso é um contexto que nós mulheres não concordamos, por isso acreditamos na nossa força para mudar este cenário”.

O Movimento Marcha Mundial das Mulheres foi criado em 1998 para denunciar o impacto das políticas neoliberais responsáveis pela recessão económica, com impacto na agudização da pobreza e violência contra as mulheres.

Notícias, Sociedade, 19.10.2016, 05, 29.869